

Artigo Científico

Modernidade, modernização e o ensino de língua inglesa no Exército Brasileiro.*Alessandra Maciel Ramundo Barbosa(*)*

O que está para além da fronteira existente é um inimigo – cujas forças são temidas, cujo território é olhado com um olhar hostil. (...) A fronteira é o ponto além do qual eles falam línguas, comem alimentos e adoram deuses que simplesmente não são os nossos.

(Gleenblatt & Gunn, 1992:6 apud Moita Lopes, 2006:26)

RESUMO

A autora examina alguns fenômenos aparentemente unificadores da modernidade, como a dissolução de fronteiras promovida pela globalização, de modo a discutir a importância capital que a linguagem de maneira geral e, mais especificamente, a língua inglesa, assumem nos dias de hoje. Com base nas diretrizes institucionais para a modernização do ensino no Exército Brasileiro, são propostos alguns questionamentos que visam a contribuir para o (re)dimensionamento do papel da língua inglesa na Força Terrestre. A autora propõe um olhar mais atento às rupturas como possível caminho para uma verdadeira dissolução de fronteiras.

Palavras-Chave: Modernidade. Língua Inglesa. Modernização do Ensino. Exército Brasileiro.

ABSTRACT

The author examines some apparently unifying phenomena of modernity, such as the dissolution of boundaries promoted by globalization, in order to discuss the importance that language in general and, more specifically, the English language, have assumed lately. Based on institutional guidelines on education modernization in the Brazilian Army, some questions are made as a contribution to the (re)shaping of the English language's role in the Land Force. The author proposes a keener look towards ruptures as a possible way to the real dissolution of boundaries.

Key-Words: Modernity. English language. Education Modernization. Brazilian Army.

1 - INTRODUÇÃO

Há aproximadamente uma década, o Exército Brasileiro iniciava a implantação de um ambicioso projeto no campo educacional - a modernização do ensino. Partindo da necessidade de superação de práticas consideradas anacrônicas, foram estabelecidas novas bases para a proposta pedagógica da instituição, com ênfase na revisão dos papéis do aluno e do professor e no redimensionamento dos espaços e práticas de ensino-aprendizagem. Nessa proposta, é atribuída ao ensino de idiomas renovada importância, relacionada aos avanços tecnológicos característicos da modernidade.

Desde então, a linguagem tem ocupado um papel cada vez mais importante na contemporaneidade. Dado o caráter contínuo e cada vez mais veloz das mudanças que afetam o mundo social – e, como parte dele, a escola, reveste-se de importância maior o exercício auto-reflexivo constante que é tarefa do educador de língua estrangeira. Como parte dessa tarefa, irei abordar os caminhos percorridos pela chamada modernidade, do ponto de vista global, e, a partir desse cenário, destacar a importância que a língua inglesa, mais especificamente, adquire nos dias de hoje.

Dentro dessa proposta de reflexão,

()A autora é Capitão do Quadro Complementar de Oficiais (QCO) e Mestre em Lingüística Aplicada pela UFRJ. Atualmente é professora de inglês na Seção de Idiomas da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército. (ECEME) (EMail: alessandra@eceme.ensino.eb.br).*

tenho por objetivo formular perguntas mais do que encontrar respostas, de modo a problematizar conceitos aparentemente homogeneizantes, como o de globalização, buscando escapar da opacidade¹ que é característica desses conceitos em nossos tempos. Tomarei como ponto de partida preceitos contidos nas diretrizes institucionais que foram base para o chamado processo de modernização do ensino no exército e que se voltam para o modo de lidar com as mudanças trazidas pela modernidade, no que aqueles se aplicam ao ensino de idiomas.

Assim, espero de algum modo contribuir, ainda que modestamente, para a importante tarefa de (re)dimensionar o papel do ensino da língua inglesa no Exército Brasileiro. Com esse objetivo, passarei a abordar os seguintes pontos: a importância da linguagem na modernidade; modernidade: globalização e mobilidade; o papel da língua inglesa no mundo contemporâneo; e a língua inglesa no Exército Brasileiro: algumas questões.

2 - A IMPORTÂNCIA DA LINGUAGEM NA MODERNIDADE

Nas mais diversas esferas tem sido reconhecido o importante papel desempenhado pela linguagem nos dias de hoje, em “um mundo no qual nada de importante se faz sem discurso” (Santos, 2000:74). Muito além do caráter comunicativo da linguagem, de entendimento mútuo entre pessoas, deve-se ressaltar seu caráter constitutivo, relativo à sua capacidade de construir verdades e produzir realidades, o que faz do discurso no mundo moderno uma valiosa forma de poder.

Tal visão de linguagem como constitutiva do mundo social tem suas bases na noção foucaultiana de discurso. Ao

relacionar discurso, poder e saber, Foucault (1979/2000) evidencia a idéia de que o poder não é possuído, mas sim exercido, o que se dá por meio do discurso. Segundo o autor, nas sociedades modernas, a relação entre poder e saber se estabelece por meio do convencimento, da persuasão e do envolvimento. “O que faz com que o poder se mantenha e seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso” (Foucault, 1979/2000:8).

Outra importante dimensão do discurso, própria do seu caráter constitutivo, é o seu papel na construção das subjetividades e das identidades sociais. “O que somos, nossas identidades sociais, são construídas por meio de nossas práticas discursivas com o outro” (Moita Lopes, 2002:32). Assim, destaca-se a importância que a linguagem adquire nos dias de hoje.

No campo militar, onde se insere o presente trabalho, a necessidade de valorização das habilidades lingüísticas está presente na política de modernização do Exército dos Estados Unidos da América (EUA), como se depreende do documento intitulado “Language Transformation Roadmap”, do Departamento de Defesa dos EUA (2005): “A habilidade lingüística e a experiência regional não são valorizadas como competências fundamentais, embora sejam tão importantes quanto os sistemas de armas”².

O documento intitulado “2007 Army Posture Statement”, do Exército dos Estados Unidos da América, de fevereiro de 2007, ratifica tal postura: “O treinamento lingüístico tem recebido ênfase sem precedentes”³ (adendo N); “Estamos empreendendo uma variedade de iniciativas para aumentar nossa capacitação em consciência cultural e em língua

1 - Segundo Bauman (1999:08), a opacidade é o destino das palavras da moda, as quais se tornam cânones inquestionáveis quanto mais experiências tentam explicar.

2 - No original: “Language skill and regional expertise are not valued as Defense core competencies yet they are as important as critical weapon systems”.

3 - “Language training is also receiving unprecedented emphasis”

estrangeira”⁴; e ainda, “A capacitação em língua estrangeira se estende além dos lingüistas, dos analistas de inteligência, e interrogadores para cada soldado e líder”⁵ (adendo G).

A proficiência linguística é alçada ao primeiro plano na preparação para a guerra no artigo intitulado “The Second Learning Revolution” (Scales, 2006), quando o autor alerta para a insuficiência da revolução tecnológica como garantia de vitória e propõe uma revolução na aprendizagem que prepare líderes militares para a nova era de conflitos. Segundo o autor, “a proficiência tática deve ser combinada com a habilidade do soldado para falar a língua e entender a cultura”⁶ da sociedade que ele busca proteger”⁷ (Military Review, 2006:37, 38)

A importância conferida à linguagem traz à tona outra questão que considero importante ressaltar: o caráter político inerente às questões lingüísticas. Recorrendo à comparação entre a língua nacional e símbolos como a bandeira nacional, Rajagopalan (2005) explicita a necessidade de se pensar a língua para além do meramente lingüístico: assim como as emoções e o patriotismo evocados pela bandeira e pelo hino nacional não decorrem das cores ou do tecido de que a primeira é feita, nem das notas musicais que compõem o segundo, o valor simbólico e emocional da língua nacional extrapola a esfera científica e passa a pertencer à esfera política. Desse modo, o destino de uma língua pertence à esfera política, ao qual deve preceder um planejamento lingüístico. Na contemporaneidade, isso se torna ainda mais notório, como veremos a seguir.

3 - M O D E R N I D A D E :

GLOBALIZAÇÃO E MOBILIDADE

Diversos teóricos na área das ciências sociais têm-se ocupado do estudo da modernidade ou contemporaneidade⁸. Tomando-se os mais proeminentes, a profusão de terminologias utilizadas para caracterizar os nossos tempos reflete a complexidade do mundo contemporâneo: “modernidade tardia” (Giddens, 2000), “ocidentalismo” (Venn, 2001), “pós-modernidade” (B. Santos, 2001), “modernidade líquida” (Bauman, 2001). Buscarei aqui, brevemente, levantar as características que julgo mais relevantes para a questão do ensino de língua estrangeira, foco dessa discussão.

Dentro do objetivo a que me propus, de problematizar conceitos naturalizados, julgo importante ultrapassar a idéia corrente de globalização como promotora da união entre pessoas e povos de diferentes lugares do planeta. Segundo Bauman (1999:08), “a globalização tanto divide quanto une. (...) O que para alguns parece globalização, para outros significa localização”. Deste modo, destaca-se a contraparte do fenômeno em questão: a localização.

Do mesmo modo, Giddens (2000) destaca o caráter contraditório e antagônico dos processos que constituem a chamada globalização, nova ordem que surge de maneira fortuita, repleta de ansiedades e marcada por profundas divisões.

Se considerarmos a produção de sentidos e construção de conhecimento nos dias de hoje, o que se dá, conforme destacado, por meio da linguagem, depreendemos que o processo de globalização promove a produção e a distribuição do conhecimento entre os países centrais, ao passo que isola ou separa os

4- “We are pursuing a variety of initiatives to enhance our capability in cultural awareness and foreign language capabilities”.

5 - “Foreign language capability extends beyond linguists, intelligence analysts, and interrogators to every Soldier and leader”.

6 - Reconhece-se a relevância e a complexidade do conceito de cultura, aqui relacionado à língua, o qual, entretanto, foge ao escopo do presente estudo.

7 - “Tactical proficiency must be matched with a Soldier’s ability to speak the language and understand the culture of the society he is seeking to protect.”

8 - Embora as diretrizes institucionais do exército utilizem o termo “modernidade” para referir-se aos tempos atuais, darei preferência ao termo “contemporaneidade”, já que o primeiro é utilizado para designar períodos distintos por diferentes autores e áreas de estudo.

países não-centrais ou periféricos⁹. Como observa Bauman (1999:08) “as localidades estão perdendo a capacidade de negociar sentidos e se tornam cada vez mais dependentes de ações que dão e interpretam sentidos, ações que elas não controlam”.

Esse olhar dialético para a globalização é o que permitirá que busquemos soluções para escapar do que Santos (2000) denomina “globalização como perversidade”, ou “o mundo tal como ele é”, e ir além da “globalização como fábula”, ou “o mundo tal como nos fazem vê-lo”: homogêneo, unido, em constante comunicação, não-problemático. Somente desse modo, poderemos pensar um mundo “como ele pode ser”, ou seja, “uma outra globalização”.

O segundo ponto que merece destaque em minha análise diz respeito à mobilidade, aspecto também característico de nossos tempos que pretendo problematizar. Segundo Bauman (2001), o avanço da modernidade pode ser medido de diversas maneiras; a crucial delas é pela relação entre tempo e espaço, a qual se caracterizará, cada vez mais, pela mobilidade.

O autor observa que a passagem da modernidade sólida para a modernidade líquida (como chama a contemporaneidade) caracteriza-se pela mudança do foco de importância do fator espaço para o fator tempo. No período colonial¹⁰, o poder se media pela extensão territorial. A partir do momento em que a velocidade passou a depender da tecnologia, o tempo passou a se constituir numa arma para a conquista do espaço. A velocidade do movimento e o acesso a meios mais rápidos de mobilidade passam assim a ser a principal ferramenta de poder, até que essa velocidade de movimento chegou ao seu limite natural, nos dias de hoje¹¹. Chegamos à era da instantaneidade, na qual o telefone celular representa o “golpe de

misericórdia” na relação de dependência entre tempo/espaço; quando o simples apertar de uma tecla causa a explosão que vitima centenas de pessoas a qualquer distância.

Como consequência disso, surge um novo tipo de guerra na era da modernidade líquida: não pela conquista de territórios, com todos os seus “prejuízos colaterais”, mas pela destruição de muralhas que impedem o fluxo de novos e fluidos poderes globais. Nessa nova configuração, os nômades não são mais os alheios e desprestigiados de outrora, mas a elite global contemporânea. Os globais são aqueles que circulam com desenvoltura, instantaneamente, pelos diferentes espaços. Ao largo desse processo encontram-se os assentados, cujo prestígio e poder do início da modernidade transmutaram-se em isolamento e dificuldade de comunicação.

A língua inglesa ocupa lugar central na modernidade líquida: ela constitui um dos principais instrumentos para a circulação da elite nômade; é passaporte indispensável para a fluidez contemporânea, para a circulação pelas novas fronteiras de conhecimento e poder. Por outro lado, assim como nos processos de globalização/localização e nos aspectos mobilidade/assentamento, essa mesma língua é responsável pela negação do visto de entrada, acentuando as desigualdades entre os que a dominam e os que não a dominam. A preocupação, como destaca Bauman (1999), reside na ruptura de comunicação entre globais e o restante da população, ou a periferia, o que é ratificado por Chouliarakí e Fairclough (2000:3): “essas mudanças sociais criam novas possibilidades e oportunidades para muitas pessoas. Elas também causam considerável ruptura e sofrimento para sociedades, comunidades e

9 - Em sua teoria da pós-modernidade, B. Santos (2001) caracteriza o “sistema mundial de Estados”, integrado por um centro (países capitalistas avançados), uma periferia (países do chamado terceiro mundo) e países semiperiféricos (países do leste europeu e países capitalistas semiperiféricos, como Portugal).

10 - Para muitos estudiosos da contemporaneidade, o colonialismo tem especial importância. Venn (2001) estabelece como marco inicial da modernidade o ano de 1492, quando se deu a chamada descoberta da América.

11 - Por esse motivo, ressalta o autor, muitos estudiosos referem-se à contemporaneidade como “pós-modernidade”, ou o “fim da história”; por ter-se chegado a esse limite natural da velocidade na relação tempo/espaço.

indivíduos”.

4 - O PAPEL DA LÍNGUA INGLESA NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

No ano de 1996, a revista inglesa “The Economist” caracterizava a língua inglesa como “profundamente estabelecida como a língua padrão do mundo, como parte intrínseca da revolução global das comunicações” (Apud Rajagopalan, 2004:135). O número de usuários da língua nos dias de hoje agrega ainda mais força à referida afirmação: hoje, aproximadamente 1,5 bilhões de pessoas no mundo já possuem algum grau de conhecimento da língua inglesa, o que corresponde a ¼ da população mundial; 80 a 90 % da divulgação do conhecimento científico é feita em inglês¹². Tal fenômeno sem precedentes no campo lingüístico parece ainda mais inaudito se considerarmos que 2/3 dos usuários da língua inglesa são os que convencionalmente se denominam “não-nativos”¹³.

Tendo em mente o caráter político inerente às questões lingüísticas, abordado anteriormente, no caso da língua inglesa, sua ascensão remonta ao período pós-segunda guerra e tem sido fruto de questões econômicas e políticas desde então. Como ressalta Rajagopalan (2005:146/147), “o avanço da língua inglesa não ocorreu simplesmente porque o mundo globalizado precisava de uma língua qualquer para facilitar a comunicação de idéias entre os diferentes povos do planeta”. Seu avanço remete à criação da Liga das Nações, em 1918, quando o inglês é adotado como língua oficial, fruto do lobby empreendido pelos países de língua inglesa (Wright, 2004 apud Rajagopalan, 2005:147).

Em relação às transformações da contemporaneidade, é preciso levar em conta que, ao mesmo tempo em que a língua inglesa permite que milhares de pessoas se

comunique, que o conhecimento circule, a economia se organize em mercados globais, por outro lado, milhares de pessoas são postas à margem justamente por não ter o domínio mínimo da língua que é passaporte para a maravilhosa viagem pelo mundo globalizado. É preciso pensar na globalização de modo não “homogeneizante”; pensar que a mesma língua que une pessoas ao redor do mundo acentua as diferenças e aumenta os abismos que separam tantas outras.

A globalização e seu grande veículo, a língua inglesa, trouxeram à humanidade benesses antes impensáveis, dentre as quais destaco a possibilidade de nos tornarmos menos estranhos uns aos outros, e o conhecimento menos exclusivo. Entretanto, devem-se traçar objetivos que nos permitam tirar melhor proveito desse fenômeno, considerando-se as necessidades específicas, locais, de modo a “empoderar o aprendiz de língua estrangeira” (Rajagopalan, 2005:154).

Como afirma Bauman (1999:08), “Alguns de nós tornam-se plena e verdadeiramente 'globais'; alguns se fixam na sua 'localidade', transe que não é nem agradável nem suportável num mundo em que os 'globais' dão o tom e fazem as regras do jogo da vida. [...] Ser local num mundo globalizado é sinal de privação e degradação social”. A língua inglesa pode tanto reforçar quanto ajudar a superar tal privação e degradação.

Finalmente, destaco a importância do papel professor de inglês na contemporaneidade, que “está tão crucialmente posicionado na chamada nova ordem mundial” (Moita Lopes, 2003:33). “Gostem ou não, os professores de inglês estão no âmago dos temas educacionais, culturais e políticos mais cruciais dos nossos tempos” (Gee, 1994:190 apud Moita Lopes, 2003).

12 - Dados encontrados em Rajagopalan (2005).

13 - Rajagopalan (2005) considera o termo “falante nativo” anacrônico, vinculado à idéia de estados-nações bem definidos. Segundo o autor, atualmente não há critérios suficientemente confiáveis para se identificar um “falante nativo”.

5 - A LÍNGUA INGLESA NO EXÉRCITO BRASILEIRO: ALGUMAS QUESTÕES

A preocupação com as transformações advindas da modernidade está no cerne do processo de modernização do ensino no Exército Brasileiro, como se depreende das diretrizes para sua implantação, que preconizava a elaboração do perfil do militar profissional “tendo em vista os desafios esperados para os primeiros anos do século XXI” (DEP, 1996:1).

Nas mesmas diretrizes, no momento em que a questão do idioma é tratada explicitamente, a importância da língua inglesa para a Força Terrestre é relacionada ao domínio de conhecimento necessário para interagir no mundo globalizado, conforme a Diretriz para a Modernização do Ensino:

“As análises e avaliações procedidas no decorrer desses trabalhos permitiram configurar algumas tendências indiscutíveis e suas conseqüências na área educacional:

[...]

- O fenômeno da globalização, implicando o domínio de diferentes idiomas e a aquisição de conhecimentos que permitam ao aluno desenvolver a sensibilidade para interagir com outras culturas com as quais possa conviver” (DEP, 1995:02)

Destaco o fato de que a globalização é tratada no referido documento como um conceito transparente e homogêneo. A relação entre esse fenômeno e o domínio de idiomas, ali estabelecida, responde, ainda que superficialmente, à pergunta “por que o militar do Exército Brasileiro deve estudar a língua inglesa?” Julgo necessário, entretanto, levantar alguns questionamentos à luz dos seguintes aspectos da modernidade,

abordados anteriormente: 1) interesses específicos ou locais; 2) construção de verdades e subjetividades; 3) políticas linguísticas.

Em relação ao primeiro ponto, referente aos interesses específicos ou locais, é fundamental que estes sejam levados em conta ao se traçarem os objetivos para o ensino do inglês em nossas escolas. A seguinte questão se impõe: “Para que o militar do Exército Brasileiro deve saber inglês?”, ou seja, com que objetivo(s)? Que uso fará do seu conhecimento? A esse respeito, inicialmente, há que se fazer uma importante distinção entre os objetivos de um exército como o dos Estados Unidos, por exemplo, e o nosso exército. Embora exista um claro interesse político em incrementar a participação do país em missões no exterior, conforme consta das missões e objetivos estipulados para o exército brasileiro¹⁴, é importante que se pergunte “No universo dos militares, quais deles de fato utilizarão o inglês na modalidade oral em situações profissionais?”. Por outro lado, “Que militares utilizarão a modalidade escrita, seja a de leitura ou a de produção escrita?”. Do ponto de vista de uma política linguística, devemos (re)pensar em qual de nossas escolas cada uma dessas habilidades deverá ser enfatizada ou privilegiada, e levar em conta tais especificidades.

Em relação à construção de verdades, retomo o fato significativo de que de 80 a 90 % do conhecimento científico é veiculado em língua inglesa. Para que um conhecimento seja tido como verdade e validado como relevante, é necessário, entre outras coisas, que seja reconhecido pela comunidade científica. Em outras palavras, ele deve ser produzido, e conseqüentemente lido, em língua inglesa. Aqui se impõem as seguintes perguntas: *É importante para o militar do exército brasileiro ter acesso ao conhecimento científico produzido mundialmente? É importante que ele*

14 - Consta da missão do exército: “participar de operações internacionais, de acordo com os interesses do País”; e ainda “ser um Exército (...) respeitado na comunidade global como poder militar terrestre apto a respaldar as decisões do Estado, que coopera para a paz mundial e fomenta a integração regional” (<http://www.exercito.gov.br/06OMs/gabcmtext/por657.htm>)

*produza conhecimento científico no âmbito mundial, de modo a inserir-se na comunidade científica internacional?*¹⁵ Em caso afirmativo, deve-se considerar fundamental a importância do desenvolvimento da habilidade de leitura em língua inglesa no primeiro caso, e de produção escrita, no segundo. Isso vai ao encontro do ponto anteriormente abordado, de considerar os interesses locais ou específicos.

Ainda em relação à construção de verdades, somando-se à construção de subjetividades, quero ressaltar a visão da sala de aula de línguas como local onde o que se aprende são modos de construir significados por meio do discurso (Moita Lopes, 2002). Levando-se em conta que as relações de poder são intrínsecas ao discurso, o modo como o discurso se organiza nessa sala de aula, mais do que em qualquer outra, influenciará no modo como seus aprendizes se posicionarão e construirão suas identidades sociais como falantes estrangeiros da língua inglesa e como cidadãos do mundo. Isso imputa enorme responsabilidade ao professor de línguas, notadamente ao de língua inglesa, e requer dele uma constante reflexão acerca do modo como ele se posiciona como sujeito-professor, detentor de poder, e como falante competente da língua. Aqui cabem as seguintes perguntas: “Que tipo de interação privilégio em minha sala de aula?” “Que tipo de sujeito falante de língua inglesa estou ajudando a formar?”

Finalmente, em relação às políticas lingüísticas, mais especificamente, é importante ressaltar que o reconhecimento da importância da língua inglesa para a força terrestre precisa ir além do plano formal ou diretivo e passar para o plano objetivo da implementação de práticas que de fato capacitem os profissionais militares a cumprir os objetivos da força. Levanto aqui as seguintes questões: “Os currículos atuais

das nossas escolas refletem as verdadeiras necessidades dos nossos instruídos e os reais interesses do nosso exército?” “A carga-horária destinada ao ensino de idiomas nas nossas escolas contempla tais necessidades?” E ainda: “as abordagens e material-didático utilizados vão de encontro aos objetivos propostos?”; “o fato de o idioma estrangeiro ter tratamento diferenciado das demais disciplinas no que diz respeito à avaliação da aprendizagem e à classificação dos militares ao término dos cursos é condizente com a importância que a linguagem tem na atualidade e para a nossa força terrestre?”; nesse mesmo sentido, “a política de pessoal da força terrestre contempla as necessidades de profissionais da área da linguagem?”

Finalmente, retomando a dialética da contemporaneidade, “quantos militares passam por nossas escolas, as quais pretendemos que se tornem referência no âmbito mundial, sem que desenvolvam condições de acesso a esse mundo globalizado? É tempo de nos perguntarmos se nossas práticas estão a propiciar que entre nós exista uma minoria de “globais” convivendo com uma maioria periférica, alheia e desprestigiada. É tempo de questionarmos se o sucesso daqueles que transitam livremente pelas fronteiras globais é fruto de iniciativas e contingências particulares e/ou individuais ou se decorre de uma política lingüística institucional eficazmente implantada e desenvolvida (e se o fracasso dos demais decorre da falta disso).

Tais aspectos ora abordados apontam para a necessidade de revisão dos currículos de língua inglesa das escolas que integram o Sistema de Ensino de Idiomas do Exército (SEIEx), e de elaboração de uma política lingüística mais efetiva para o ensino de inglês no Exército Brasileiro, o que deve ser feito em consonância com os atuais objetivos da Força Terrestre, e à luz das questões da contemporaneidade.

15 - Consta da visão de futuro da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército: “Ser um centro de excelência, no campo das Ciências Militares, reconhecido como dos melhores do mundo nas áreas de ensino, pesquisa e doutrina. (Eceme, Plano de Gestão 2007/2008 em <http://www.eceme.ensino.br/>)”

6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos grandes méritos da modernização do ensino consiste na constante reavaliação dos currículos escolares e dos perfis profissiográficos de seus futuros profissionais, reflexo das diretrizes institucionais que foram a base para esse processo¹⁶. Em relação ao ensino de línguas, esse poderoso instrumento de revisão pode ser aproveitado de maneira mais profícua a partir do reconhecimento de que a linguagem ocupa um lugar central em todas as questões da contemporaneidade.

A importância atual da linguagem deixa clara a necessidade de se investir no aperfeiçoamento dos profissionais de linguagem, por meio de incentivos de ordem prática para que estes possam se inserir em programas de pós-graduação e participar de grupos de pesquisa que permitam a reflexão a respeito de suas práticas, inseridas na contemporaneidade, e produzir conhecimento sobre elas. Por essa mesma importância, a nossa instituição, atenta às questões contemporâneas, não pode se dar ao luxo de ter em seus quadros profissionais da linguagem “parados no tempo”, alheios à relevância de sua participação nessas questões. As diretrizes iniciais para a modernização do ensino (DEP, 1996b) já apontavam como sendo de extrema necessidade o aperfeiçoamento de docentes.

Destaco ainda a necessidade de se aprofundarem questões aparentemente simples e não problemáticas, de modo a nos permitir um olhar para além do que nos é semelhante ou igual: um olhar para o outro, para a diferença, para além da fronteira; olhar atento às facilidades, mas também às dificuldades dos nossos tempos; olhar que nos transforme em “sociólogos da nossa

circunstância” (B. Santos, 2001).

Em nossa instituição, esse olhar para o outro deve se iniciar no relacionamento entre as escolas, o qual, embora também preconizado nas diretrizes para a modernização do ensino, não tem sido privilegiado¹⁷. Nesse sentido, o Centro de Estudos do Pessoal (CEP), por meio de sua Divisão de Idiomas, tem a desempenhar um papel importantíssimo na interface entre as escolas, no que diz respeito ao apoio pedagógico e à condução da política lingüística da instituição, conforme previsto na Portaria Nr 098 de 18 de outubro de 2004, do Departamento de Ensino e Pesquisa¹⁸.

Nossa “marcha em direção à modernidade” (DEP, 1996a:19), que se iniciou há muito, é inexorável. O irreversível processo de globalização, característico dos nossos tempos “modernos”, trouxe maravilhosos recursos, há pouco tempo impensáveis, dentre os quais o contato com o outro de modos anteriormente inimagináveis. Esse contato, que permeou o processo de fundação de nossa instituição, assentada na mistura de povos, e que se mantém até hoje, seja na presença constante entre nós de militares das Nações Amigas, seja na composição de nossos efetivos, com representantes de todas as regiões do país, pode e deve ser transposto para outros contextos, notadamente o contexto educacional.

Somente desse modo poderemos construir inteligibilidade a respeito do nosso mundo e atuar de modo a minimizar as rupturas de comunicação entre “globais” e “locais”, entre o “centro” e as “periferias” e dissolver as fronteiras que hoje provêm uma falsa segurança e que nos impedem de nos aproximar de nós mesmos, ao distanciar-nos daqueles que “falam línguas que não são as

16 - “Propor modificações que permitam atualização de currículos em menores prazos, condizentes com o ritmo das transformações do mundo atual” (DEP, 1996b:02); e ainda “Na elaboração dos perfis, não se limitar à análise funcional, mas projetar as necessidades futuras do militar profissional.” (DEP, 1996b:07).

17 - “(as nossas escolas) vivem fechadas em si mesmas, não trocam experiências e não interagem na busca de soluções para problemas comuns. Em decorrência, deixa de existir o espírito de “comunidade de ensino”, que poderia ser mais estimulado entre as escolas.” (DEP, 1996a:7), o que acredito ser ainda verdadeiro, passados mais de dez anos.

18 - Na referida portaria, integram as atribuições específicas do CEP: “1) Proporcionar o assessoramento técnico-pedagógico ao SEIEx. 2) Planejar, orientar e avaliar o desenvolvimento das metodologias e dos conteúdos programáticos do SEIEx.”

nossas”.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

_____. *Globalização. As conseqüências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

CHOU LI A R A K I, L. e FAIRCLOUGH, N. *Discourse in late modernity. rethinking critical discourse analysis*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2001.

Escola de Comando e Estado-maior do Exército. *Plano de Gestão 2007/2008*. <http://www.eceme.ensino.eb.br/documentos/Plano%20de%20Gestao%2020072008.pdf>

EXÉRCITO BRASILEIRO. *Missão e visão de futuro*. <http://www.exercito.gov.br/06OMs/gabcmtx/por657.htm>.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora UnB, 2001.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979/2000.

GUIDDENS, A. *Mundo em descontrolé. O que a globalização está fazendo de nós*. São Paulo: Record, 2000.

LACOSTE, Y. & RAJAGOPALAN, K. *A geopolítica do inglês*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO. *Diretriz para a modernização do ensino na área do DEP*. Portaria nº 025/ Departamento de Ensino e Pesquisa, de 06 de setembro de 1995. Rio de Janeiro: DEP, 1995.

_____. *Fundamentos para a modernização do ensino*. Grupo de trabalho para o estudo da modernização do ensino. Doc nº 49/GTEME. Departamento de Ensino e Pesquisa, de 15 de julho de 1996. Rio de Janeiro: DEP, 1996a.

_____. *Orientação para o prosseguimento dos trabalhos de modernização do ensino, na área*

do DEP. Portaria nº 25/ Departamento de Ensino e Pesquisa, de 26 de julho de 1996. Rio de Janeiro: DEP, 1996b.

_____. *Diretrizes para o funcionamento do sistema de ensino de idiomas do exército*. Portaria nº 98/ Departamento de Ensino e Pesquisa, de 18 de outubro de 2004. Rio de Janeiro: DEP, 2004.

MOITA LOPES, L. P. *Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. Campinas: mercado de Letras, 2002.

_____. *A nova ordem mundial, os parâmetros curriculares nacionais e o ensino de inglês no Brasil: a base intelectual para uma ação política*. In: BARBARA, L. & G. RAMOS, R. C. (Org.). *Reflexão e ações no ensino-aprendizagem de línguas*. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

_____. (Org.) *Por uma lingüística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006.

SANTOS, B. de S. *Pela mão de Alice. O social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 2001.

SANTOS, M. *Por uma outra globalização. Do pensamento único à consciência universal*. São Paulo: Record, 2000.

SCALES, R. *The second learning revolution*. Military Review. U.S. Army Combined Arms Center, Jan/Fev 2006.

The United States Army. 2007 posture statement. Addendum G (Summary of Supporting Initiatives Identified in 2007 Army Posture Statement). <http://www.army.mil/aps/07/addendum/g.html>

_____. *2007 posture statement. Addendum N (Transforming Army Intelligence)*. <http://www.army.mil/aps/07/addendum/n.html>.

U.S. Department of Defense.

Language transformation roadmap.
<http://www.defense.gov/news/Mar2005/d20050330roadmap.pdf>

VENN, C. Occidentalism. Modernity and Subjectivity. Londres: Sage, 2001.